



A exigência da educabilidade humana

The requirement of human education

Jenerton Arlan Schütz¹

Resumo: A partir de pesquisa bibliográfica, o presente texto objetiva compreender a exigência da educabilidade humana. Em suma, trata-se de lançar luzes para responder a pergunta: “Por que falamos de educação e dela precisamos?”. Nesse sentido, considera-se que o desejo que este mundo pode se aprofundar e continuar a existir, para além da duração de uma vida, alimenta o desejo de educar as gerações vindouras. Primeiramente, para conhecer o mundo humano e se familiarizar com ele é preciso inserir-se na linguagem, aprender com os outros e incorporar o legado histórico e cultural das gerações anteriores. É nesse lugar que se insere a educação, um lugar de encontro entre o velho e o novo. Forma-se, assim, a exigência de preservar uma herança e cuidar daqueles que vêm como novidade.

Palavras-chave: Educabilidade. Escola. Formação Humana.

Abstract: Based on a bibliographic research, this text aims to understand the requirement of human educability. In short, it is about shedding light to answer the question: “Why do we talk about education and do we need it?”. In this sense, it is considered that the desire that this world can deepen and continue to exist, beyond the duration of a lifetime, feeds the desire to educate future generations. First, to get to know the human world and become familiar with it, it is necessary to immerse oneself in the language, learn from others and incorporate the historical and cultural legacy of previous generations. It is in this place that education is inserted, a meeting place between the old and the new. Thus, the need to preserve a heritage and take care of those who come as a novelty is formed.

Keywords: Educability. School. Human formation.

¹ Possui graduação em Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi (2016), graduação em Licenciatura Plena em História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi (2014), graduação em Pedagogia pela Faculdade Campos Elíseos (2019), Mestrado em Educação Nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2016) e Doutorado em Educação Nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2020). Atualmente é participante de grupo de pesquisa. da Universidade Federal da Fronteira Sul, professor supervisor do PIBID/CAPES da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, é professor de História no Ensino Fundamental do Centro de Educação Básica Francisco de Assis e professor de Anos Iniciais e Finais na Secretaria Municipal de Educação de Ijuí/RS. Tem experiência na área de História, Sociologia e Pedagogia, atuando principalmente nos seguintes temas: Condição Humana, Infância, Autoridade Docente, Especificidade da Escola, Republicanismo e Educação. E-mail: jenerton.schutz@unijui.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3603-7097>



SCHÜTZ, J. A.

1 – Introdução

A cada nascimento, a cada novo ser que chega ao mundo, a educação, uma vez mais, precisa assumir a sua tarefa. Diferentemente dos outros seres vivos, que já nascem sendo o que deveriam ser o que não de ser irremediavelmente, aconteça o que acontecer, nós humanos nascemos para a humanidade. É, também, para isso que Kant chama atenção: “o homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução como a formação” (KANT, 1999, p. 11).

A partir disso, considera-se que fornecer aos alunos conhecimentos, introduzi-los nas linguagens públicas e nos saberes culturalmente produzidos pela humanidade é uma tarefa árdua, lenta e gradual, que exige esforço, dedicação e escolhas, tanto por quem está a equipar como também por aquele que está sendo munido. Nossa condição, como lembra Savater (2001), é essencialmente simbólica, e ela é também a base da importância da educação em nossas vidas. Por mais que possamos aprender coisas por nós mesmos, há conhecimentos e objetivações simbólicas que nos têm de ser ensinados por outros humanos, por nossos semelhantes. Quem sabe seja por isso que nós humanos sejamos os primatas com a infância mais prolongada, justamente por precisarmos de muito tempo para conhecer e reconhecer os símbolos que depois irão passar a configurar o nosso modo de existência no mundo humano comum.

Tematiza-se, nesse sentido, sobre a necessidade do humano de aprender com os semelhantes, de ser influenciado por eles, configurando a espécie humana como uma espécie pedagógica (BOUFLEUER; FENSTERSEIFER, 2010), uma espécie que sempre aprende com alguém anterior, com alguém que veio antes e está há mais tempo no mundo. Destarte, objetiva-se entender os motivos que levam à exigência da educabilidade humana, à necessidade de se falar sobre a educação e dela necessitar, dito de outro modo, busca-se responder a pergunta: “Por que falamos de educação e dela precisamos?”.

Ademais, considera-se que falar em educação e educar uma geração que adentra no mundo humano significa que acreditamos que a educação pode oferecer uma orientação com base na trajetória dos humanos e que permite a cada um dos recém-chegados encontrarem um lugar no mundo. É este o motivo que leva uma geração a



SCHÜTZ, J. A.

educar a outra, e que só é possível porque uma geração recebe tal educação de outra, num movimento de continuidade, durabilidade, cumplicidade e intimidade. É nesse sentido que a educação se move pelo desejo de que o mundo humano, construído pelas gerações precedentes, possa vir a se tornar habitável, digno e durável.

Além disso, falamos em educação e educamos pelo fato de acreditar no mundo humano, e que este, com as suas linguagens, técnicas, valores, obras, feitos, costumes, etc. constitui um legado que merece ser preservado e apresentado para as novas gerações, com o intuito de que os novos possam aprender o simbólico e conhecer as obras que a humanidade construiu, inclusive, a duras penas.

2 - A exigência da educabilidade: afinal, por que falamos de educação?

“Se a fé em Deus constrói igrejas, a fé na democracia institui parlamentos e a fé na justiça edifica tribunais, então qual seria a fé que ‘faz’ uma sociedade ter escolas e, portanto, professores?” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 113).

Se a ver com aqueles que chegaram antes de nós nesse mundo configura, fundamentalmente, o campo educacional, já que sempre educamos as gerações que chegam a partir daquilo que representa as nossas percepções sobre o desejável – herdadas pelo diálogo com as gerações que nos antecederam – sobre o humano e o mundo humano, com o intuito de que as gerações compreendam a nossa condição humana.

Concordamos com Savater (2012, p. 38) que a primeira coisa que a educação transmite para cada recém-chegado “[...] é que não somos únicos, que nossa condição implica o intercâmbio significativo com outros parentes simbólicos que confirmam e possibilitam nossa condição”, por conseguinte, transmite aos novos que “[...] não somos os iniciadores da nossa linhagem, que aparecemos num mundo em que a marca humana já está vigente de mil modos e existe uma tradição de técnicas, mitos e ritos da qual vamos fazer parte e na qual também nos vamos formar” (SAVATER, 2012, p. 38). Portanto, a sociedade e o tempo configuram a abertura do ser humano para o mundo.

Falamos de educação por acreditarmos que a educação pode oferecer uma orientação em direção à humanidade e que permite a cada um dos recém-chegados a encontrar um lugar no mundo. Por isso, “o homem não pode se tornar um verdadeiro



SCHÜTZ, J. A.

Revista Iniciação & Formação Docente

V. 9 n. 4 – 2022

ISSN: 2359-1064



homem senão pela educação” (KANT, 1999, p. 15), este é o motivo que leva uma geração a educar a outra, e só é possível porque uma geração recebe tal educação de outra, num movimento de continuidade, durabilidade e cumplicidade. Logo, quando falamos de educação, sempre está suposto o desejo de que o mundo humano, construído pelas gerações anteriores, possa se tornar durável, habitável e digno.

Além disso, falamos em educação e sobre a educação porque acreditamos que o mundo humano, com as suas linguagens, técnicas, valores, obras etc., constitui um legado que merece ser preservado e apresentado para as novas gerações, a fim de que elas aprendam as linguagens e conheçam as obras que a história humana construiu. A razão de ser da educação é o “[...] fato de que seres nascem para o mundo” (ARENDRT, 2013, p. 223). Podemos falar em educação e educar as novas gerações porque o mundo foi e é produzido e concebido por nós como fruto concreto de nossas ações e fabricações. No momento em que educamos as crianças, permitimos que aquilo que nos foi legado pelas gerações anteriores possa permanecer, ligando-nos a elas e mediando as nossas ações e relações.

Conforme Savater (2012), os recém-chegados aprenderão que os humanos que construíram e modificaram esse mundo não estão todos os presentes, que muitos deles já morreram e que, apesar disso, as obras, histórias, feitos, descobertas e lutas continuam contando para eles como lições da existência humana, assim como outros ainda não nasceram, embora já seja importante que eles os levem em conta para manter ou renovar os padrões que os humanos construíram para as interações entre si e para com o meio natural.

Dessa forma, a perspectiva temporal amplia as nossas margens de existência, e a educação tem como tarefa mostrar aos novos que “[...] não nascemos para o mundo, mas para o tempo” (SAVATER, 2012, p. 39), ou seja, não pode haver aprendizado por parte das novas gerações se não se cultivar uma consciência temporal. Isso corresponde, também, à possibilidade das novas gerações não precisarem iniciar da estaca zero, uma vez que há alguém nesse mundo que é anterior a elas e que já incorporou e se tornou íntimo do mundo comum, sendo permitido que inicie os novos nesse legado.

A educação é, portanto, “[...] a revelação dos outros, da condição humana como um concerto de cumplicidades inevitáveis” (SAVATER, 2012, p. 35). Por isso, é preciso que a educação ofereça aos novos o mundo comum com todas as suas histórias – sejam



SCHÜTZ, J. A.

elas boas ou não –, com os detalhes daquilo que já se produziu e realizou nesse mundo, com o que serão enriquecidos com a humanidade que os cerca.

Nesse viés, para Savater (2012), a educação tem por tarefa transmitir, e transmitir justamente porque quer conservar algo, e conservar porque valorizam certos conhecimentos, valores, habilidades, comportamentos, ideais. Nesse sentido, poderíamos dizer que a educação nunca é neutra, pois ela escolhe, analisa, pressupõe, descarta, elogia e convence. Também podemos considerar que ela não é neutra pelo fato de sempre haver um mundo comum e suas histórias para serem transmitidas às novas gerações. Ou então, porque diz respeito a uma herança que depende de escolhas tanto daqueles que a entregam (professores, adultos, responsáveis) como daqueles que a recebem (alunos, crianças, jovens).

Desse modo, para Arendt (2013), a educação deve ser conservadora, no sentido de conservação, que é a especificidade da atividade educacional. Sua tarefa é sempre acolher e proteger alguma coisa, neste caso, “[...] a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo. Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é aí assumido implica, é claro, em uma atitude conservadora” (ARENDR, 2013, p. 242). Representa-se, assim, a educação como espaço de transmissão, e o é porque queremos que alguma coisa seja conservada, ou então, que há “coisas” do mundo humano que não merecem ser relegadas ao esquecimento. É nesse conjunto de compreensões que se encontra presente a ideia de humano e de mundo humano comum, e não a ideia de destruição, abandono, barbárie.

Não obstante, podemos considerar que a educação transmite e conserva todo o caminho que a humanidade já percorreu até a atualidade e, com isso, introduz os novos no legado cultural da humanidade. Isso representa uma aposta na nova geração, a saber, que ela aprenda aquilo que é resultado de vários séculos da ação humana e, com isso, torne-se capaz de dar continuidade à aventura do conhecimento. Trata-se, como nos lembra Arendt (2013), da transmissão do conhecimento petrificado adquirido pelas gerações anteriores.

Para que a transmissão do legado se efetive, isto é, para que a memória do passado possa vir a se fazer viva e ao mesmo tempo cultivada pelas gerações futuras é preciso que estas reconheçam as experiências que lhes são transmitidas como valiosas e memoráveis também para si. As experiências transmissíveis são desse modo, comuns,



SCHÜTZ, J. A.



valiosas e dignas de serem salvas do esquecimento. Transmitir e apresentar aos novos uma herança que nos é comum consiste em possibilitar aos que chegam ao mundo a oportunidade de “[...] escolher suas companhias entre homens, entre coisas e entre pensamentos, tanto no presente como no passado” (ARENDR, 2013, p. 222).

É a partir da educação, portanto, que se acolhem os recém-chegados, que possuem o direito de conhecer o mundo, de se apropriar dele para depois buscarem seus próprios caminhos e intervir naquilo que compartilham com os outros. É nesse ato de transmitir o legado que se possibilita a continuidade entre o passado e o presente. Transmitir o passado, a tradição, os feitos e histórias humanas consistem em possibilitar, a cada recém-chegado, a possibilidade de inovação, de criação. Pois, somente munidos com aquilo que é comum, que é pertencente à humanidade, que há possibilidade de renovação e inovação.

A partir disso, é importante destacar que a educação, ao transmitir e apresentar o legado histórico e cultural aos novos realiza um duplo movimento: de conservação e renovação. Conserva, pois considera que as experiências comuns² são o que há de mais valioso a ser preservado, salvando-as da ruína do esquecimento, conferindo-lhes inteligibilidade, transformando-as em estórias, de tal modo que fornece aos novos os critérios segundo os quais as experiências em pauta são as mais valiosas; renova pelo fato de os novos interpretarem, ao seu modo, o legado que será apresentado.

Contudo, o que a nova geração preservará da precedente é, de fato, imprevisível. Não se pode, portanto, orientar as suas ações para o futuro, uma vez que a herança, parafraseando René Char, não vem acompanhada de nenhum testamento, de nenhum manual de instruções. O que podemos fazer é supor que aqueles que ocupam uma posição de herdeiros e herdeiras têm uma capacidade de ação que, no futuro, está situada num ponto entre a manutenção, o aumento e o abandono da herança, isto é, entre a continuidade e a ruptura.

O nosso legado não é um destino, mas algo que é oferecido a ser interpretado. Aqueles que o recebem deverão prestar contas ante a herança, ante o que lhes foi legado. Assim, é possível afirmar que é a partir do legado, e somente por meio dele, que

² Considera-se que a educação – familiar ou escolar – é o espaço que se constitui por uma relação de transmissão de experiências simbólicas que se estabelece entre os velhos e novos. Dito de outro modo, a educação é o modo pelo qual o mundo dos adultos passa a se relacionar com os novos e com o seu processo de formação, de inserção no patrimônio histórico e cultural.



SCHÜTZ, J. A.

os novos criarão laços de pertencimento e assumirão compromissos de renovação do mundo, a fim de torná-lo seu mundo. Motivo este que faz com que a renovação do mundo esteja contida na imprevisibilidade do novo, na natalidade, e no modo de como os adultos (que já estão no mundo) se responsabilizam pela educação e iniciação dos novos no legado histórico e cultural da humanidade. Uma vez que os novos estão familiarizados com o legado comum, tornam-se também parte dos artificialismos do mundo, respondendo por sua conservação e podendo renová-lo por meio da ação. Nessa capacidade de iniciar está contida a liberdade humana.

A partir do nascimento, cada criança representa não só mais um exemplar novo da espécie, mas alguém novo, e, com isso, tem-se a possibilidade de se iniciar algo imprevisível. E é em consideração da esperança que a educação não pode ser confundida como um meio de fabricar uma nova sociedade a partir de supostos modelos que são concebidos de uma geração a outra.

A nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta; precisamente por basearmos a nossa esperança apenas nisso, porém, é que tudo destruímos se tentarmos controlar os novos de tal modo que nós, os velhos, possamos ditar sua aparência futura (ARENDR, 2013, p. 243).

Nessa perspectiva, está contida uma recusa da instrumentalização da educação, pois os discursos que buscaram impor aos novos a formação de um mundo novo arrancaram “[...] das mãos dos recém-chegados sua própria oportunidade face ao novo” (ARENDR, 2013, p. 226). Ademais, por esse motivo, é importante destacar que a educação não é o espaço propriamente destinado para a ação e renovação do mundo pelos novos, pois o fato destes ainda estarem em processo de desenvolvimento significa que ainda necessitam conhecer e serem inseridos no legado histórico comum, a fim de que possam, no futuro, ter condições e capacidades de agir na coletividade, na presença de outros humanos. O espaço da ação é a esfera pública, um espaço de adultos, de pessoas já educadas e familiarizadas com este mundo, conseqüentemente, por já terem sido iniciadas no legado, têm a capacidade de agir e renovar o mundo.

Essa perspectiva significa que não podemos orientar as ações dos novos para o futuro, pois a herança não acompanha nenhum testamento (instruções ou técnicas). Ademais, a educação transmite conhecimentos e cultiva conceitos, concepções,



SCHÜTZ, J. A.

Revista Iniciação & Formação Docente

V. 9 n. 4 – 2022

ISSN: 2359-1064



princípios e capacidades que favorecem a futura participação dos novos no âmbito político.

A imprevisibilidade que marca a nossa condição humana também está presente naquilo que cada nova geração irá preservar, modificar, ampliar ou abandonar da herança, estabelecendo uma continuidade e uma ruptura. Por isso, o legado é sempre apresentado para as novas gerações a fim de que se torne possível interpretá-lo, e assim, cada nova geração deverá prestar contas com a herança e aquilo que lhes foi legado.

Podemos afirmar que a história não se faz por incorporações ou adições, mas por mudanças, renovações, reestruturações. Além disso, podemos considerar que a imprevisibilidade do futuro é o preço que os humanos pagam ao realizarem uma ação que é livre e marcada pela pluralidade, pela mediação intersubjetiva.

Desse modo, se podemos afirmar que a educação tem a ver com o estabelecimento de perspectivas comuns/coletivas, então a nossa responsabilidade implica em preservar o mundo (por meio da renovação) e também as crianças (recém-chegados). Por isso os professores precisam ser conservadores, no sentido de amarem o mundo, resistindo ao desejo de querer preparar uma geração para um mundo novo.

Nesse sentido, a educabilidade é necessária não apenas pelo fato de preparar as crianças para a vida e as suas necessidades, mas porque alimenta a possibilidade das novas gerações participarem no mundo humano comum, amando-o. Se a preocupação da educação não for esta, então basta que as crianças adquiram habilidades e competências para que consigam sobreviver e realizar os seus desejos e projetos individuais.

Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver, que todos os animais assumem em relação a seus filhos (ARENDR, 2013, p. 235).

A educação, como projeto coletivo, é necessária, pois introduz os novos naquilo que é comum a todos nós. Por isso não educamos as novas gerações apenas para que satisfaçam as suas necessidades e anseios, mas para que no futuro possam usufruir, cuidar, recriar e aperfeiçoar o mundo humano. Para tal, primeiramente, e sem ainda assumir a responsabilidade pelo mundo, precisam conhecer as suas histórias, linguagens,



SCHÜTZ, J. A.

conflitos, feitos, obras etc. Ao sustentar que a especificidade da educação é a natalidade, o fato de que novos nascem para o mundo, Arendt (2013) enfatiza tanto a conservação do mundo que é legado aos novos como a sempre possibilidade de renovação deste espaço comum.

Para Masschelein e Simons (2014), aceitar, cuidar, conservar e proteger o mundo implica radicalmente que é preciso também aceitar, cuidar e proteger as crianças como parte desse mundo comum, e isso significa colocar o mundo à disposição dos novos, expor o mundo, entregá-lo. Nessa perspectiva, os adultos são os representantes do mundo, são responsáveis pelo mundo e pelas novas gerações, e essa responsabilidade é uma atitude que preserva, conserva, admira e cuidam as coisas do mundo comum. É tarefa dos mais velhos proteger, conservar e amar o mundo, mostrando as coisas valiosas para as crianças, como se dissessem aos novos: “isso é o nosso mundo, sintam-se em casa”. Quem não o fizer, segundo Arendt (2013), não deveria ter crianças, e deveria ser proibido de tomar parte em sua educação.

Para Savater (2012, p. 166-167),

É preciso dizer pedagogicamente aos que vêm que esperamos tudo deles mas que não podemos ficar esperando por eles. Que lhes transmitimos o que acreditamos ser melhor do que fomos mas que sabemos que lhes será insuficiente, como também foi insuficiente para nós. Que transformem tudo, começando por si mesmos, mas mantendo a consciência – por fidelidade ao humano, sua raiz única e verdadeira, esse feixe de tentáculos que, sob as aparências, procura os outros e se agarra a eles – do que é e como é (do que foi e como foi) o que vão transformar. [...]. O sentido da educação é conservar e transmitir o amor intelectual ao humano.

Porém, quando desvinculamos o sentido da educação com o compromisso do mundo comum e o atrelamos apenas à sua utilidade para desenvolver certas competências e habilidades, ou então para o desenvolvimento econômico e tecnológico, significa que a educação perde o seu lugar de mediadora entre o mundo e os novos. Em convergência, Carvalho (2017) considera que a educação é um elo entre o mundo comum e público e os novos que nele chegam.

O ensino e aprendizagem, para o mesmo autor, se justificam não exclusivamente por seu caráter funcional ou por sua aplicação imediata às demandas da vida, mas por sua capacidade de constituir uma experiência simbólica de relação com o mundo. Além disso, o autor nos faz lembrar que reconhecer alguém como autoridade implica em tê-lo



SCHÜTZ, J. A.

como um modelo/exemplo ou referência por acreditar que ele saiba mais, possa mais ou tenha mais experiência no trato com este mundo, com suas linguagens e práticas (CARVALHO, 2017).

Parece-nos que esquecemos que somente pertencendo à uma tradição pedagógica que podemos fazer com que as crianças (alunos) também se sintam inseridos nela. Quem sabe, deveríamos proliferar mais o conselho que os sábios africanos dão a quem perde o rumo na imensa savana da vida: “Se você não sabe para onde está indo, olhe para trás e veja, ao menos, de onde você veio”.

Assim, os novos só poderão se sentir em casa neste mundo se os mais velhos se importarem com o mundo e com todos aqueles que aqui chegam. Ademais, para Hannah Arendt (2013, p. 247) a educação é:

[...] o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças, o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos [...].

Nessa direção, a exigência da educabilidade se torna necessária porque possuímos um mundo comum, porque possuímos linguagem, porque desejamos que esse mundo continue, dure e se aprofunde com cada nova geração. A educação é o espaço no qual o diálogo com a pluralidade de vozes, que constitui o mundo e as linguagens que herdamos do passado, permite a cada um ser sujeito do presente. Por isso a educação ultrapassa qualquer finalidade pragmática, uma vez que o seu conteúdo tem a ver com os objetos da cultura e com o legado simbólico potencialmente comum.

3 - Considerações Finais

Somos seres biológicos, culturais e simbólicos. A única maneira de sobreviver é através de outros seres. A cultura intelectual se constrói lentamente durante séculos e, por este fato, não possuímos outra forma de conservar o alcançado que não seja transmitindo à geração vindoura.

A transmissão e comunicação dependem de uma linguagem. A linguagem é o certificado de pertencimento à espécie humana, o código genético da humanidade. Se



SCHÜTZ, J. A.

tivermos linguagem, temos semelhantes, temos mundo. Afinal, a linguagem nos é ensinada, inculcada, publicizada. Ela não é uma invenção solitária. Ninguém chega a ser humano se está sozinho. Nós nos tornamos humanos entre os outros. Precisamos ser “contagiados” por nossa humanidade, pois “[...] não seríamos o que somos sem os outros, mas custa-nos ser com os outros” (SAVATER, 2001, p. 148).

Esse é o preço que pagamos por habitar o mundo. Atuamos no mundo e respondemos a ele. Inventamos e transformamos o mundo de uma maneira não prevista. Somos uma espécie aberta e incessantemente criando a si mesma, a partir das coisas do mundo. Nesse mundo há coisas que conseguimos aprender por nós mesmos, mas há objetivações simbólicas que nos têm de ser ensinadas por outros humanos, por nossos semelhantes. Precisamos de muito tempo para aprender e conhecer as linguagens públicas que passarão a configurar o nosso modo de existência no mundo humano.

Nessa direção, os mitos, as religiões, a arte, a ciência, a política, a história, e também a escola, constituem sistemas simbólicos baseados na linguagem. A linguagem humana serve para falar de qualquer coisa, seja pertencente ao passado ou ao futuro, bem como para inventar coisas que ainda não ocorreram ou, ainda, para se referir à possibilidade ou impossibilidade de que ocorram.

A exigência da educabilidade das novas gerações é possível pelo fato destas ainda não terem familiaridade com o mundo, uma vez que são estranhas nele, motivo pelo qual é preciso introduzi-las nele aos poucos. Para Peters (1979), as crianças, em grande parte, são indiferentes. Elas partem da posição de bárbaros fora dos portões. O problema é o de levá-las para dentro da cidadela da civilização, a fim de que compreendam e amem o que virem quando lá estiverem.

Por isso, são sempre os adultos, os mais velhos, responsáveis por este mundo e pelas gerações que nele adentram, que têm a responsabilidade de entregar o que constituímos como “comum” para as novas gerações, a fim de que esse “comum” seja incorporado por elas. É isso que representa a expressão *amor mundi* para Hannah Arendt, ou seja, a gratidão por termos recebido uma herança daqueles que são anteriores a nós, e que, portanto, é de nossa responsabilidade, agora, nos comprometer com esse legado, contribuindo para que ele possa ser entregue aos que neste mundo chegam. Se responsabilizar pelo mundo comum e pelas novas gerações é a tarefa essencial de todos



SCHÜTZ, J. A.

aqueles que desejam que o mundo continue, dure e se aprofunde. Esse é, a nosso ver, a tarefa crucial da educação, e que impõe a exigência da educabilidade!

Referências:

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOUFLEUER, J. P.; FENSTERSEIFER, P. E. Disciplina intelectual: algumas reflexões a propósito da homenagem a um intelectual. In: BOMBASSARO, L. C.; DALBOSCO, C. A.; KUIAVA, E. A. **Pensar sensível**: homenagem a Jayme Paviani. Caxias do Sul: EDUCS, 2011, p. 387-398.

CARVALHO, J. S. F. de. **Educação, uma herança sem testamento**: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. 1. ed. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco C. Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **A pedagogia, a democracia, a escola**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

PETERS, R. S. Educação como iniciação. In: ARCHAMBAULT, R. D. **Educação e análise filosófica**. Tradução de Carlos Eduardo Guimarães e Maria da Conceição Guimarães. São Paulo, Saraiva, 1979. pp. 101-130.

SAVATER, F. **As perguntas da vida**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAVATER, F. **O valor de educar**. Tradução de Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2012.

Como citar este artigo (ABNT)

SCHÜTZ, J. A. **A exigência da educabilidade humana**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 9, n. 4, p. XXX-XXX, 2022. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

SCHÜTZ, J. A. (2022). **A exigência da educabilidade humana**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.